

XX ENANCIB

21 a 25 Outubro/2019 – Florianópolis

A Ciência da Informação e a era da Ciência de Dados

ISSN 2177-3688

GT 1 – Estudos históricos e epistemológicos da Ciência da Informação

A INVENÇÃO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO SEGUNDO NICOLAS ROUBAKINE (Rubakin)

The Information Science invention from the Nicolas Roubakine (Rubakin)

Gustavo Silva Saldanha - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia –
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Esta pesquisa, fundamentada via uma epistemologia histórica, procura compreender os modos de invenção do campo a partir do percurso das ideias de Nicolas Roubakine (Rubakin). No plano empírico, para esta etapa dos resultados, interessa-nos compreender a problemática metodológica de Roubakine. Para tal, dedicamo-nos estritamente ao discurso sobre o método bibliopsicológico do teórico, presente no capítulo terceiro de sua obra clássica, *Introduction a la Psychologie Bibliologique* [Introdução à Psicologia Bibliológica], intitulado *Les méthodes de la bibliopsychologie. – L'application des méthodes scientifiques générales à l'étude des phénomènes bibliopsychologiques* (Os métodos da bibliopsicologia. No plano discursivo, selecionamos as seguintes categorias reflexivas para o debate, a saber: epistemologia, positivismo, metodologia, psicologia, bibliografia, documentação, neodocumentação, Ciência da Informação, fundamentação social da Ciência da Informação. Através destas categorias de fundo discursivo procuramos compreender os desdobramentos do projeto epistemológico de Roubakine a caminho da construção de uma disciplina científica que coloca em questão, a partir de seu exercício metodológico testado entre o final do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX, demonstrando sua vanguarda na constituição do campo, dos estudos empíricos da leitura e dos leitores às possibilidades de transformação social pela via da popularização da ciência.

Palavras-Chave: Nicolas Roubakine (Rubakin); Bibliopsicologia; Epistemologia da Ciência da Informação; História da Ciência da Informação. Leitura.

Abstract: *The research, based on a historical epistemology, seeks to understand the modes of invention of the field from the path of ideas of Nicolas Roubakine (Rubakin). At the empirical level, for this stage of results, we are interested in understanding Roubakine's methodological question. To this end, we devote ourselves strictly to the discourse on the bibliopsychological method of the theoretician, present in the third chapter of his classic work, Introduction a la Psychologie Bibliologique, entitled Les Méthodes de la biblio-psychologie. - L'application des méthodes scientifiques générales à l'étude des phénomènes biblio-psychologiques. In the discursive plan, we selected the following reflexive categories for the debate, namely: epistemology, positivism, methodology, psychology, bibliography, documentation, neodocumentation, Information Science, social foundation of Information Science. Through these discursive background categories we seek to understand the unfolding of Roubakine's epistemological project on the way to the construction of a scientific discipline that calls into question, from its methodological exercise tested between the late nineteenth century and the first two decades of the twentieth century, demonstrating its vanguard in the constitution of the field, from empirical studies of reading and readers to the possibilities of social transformation through the popularization of science.*

Keywords: Nicolas Roubakine (Rubakin); Bibliopsychology; Information Science Epistemology; Information Science History. Reading.

1 INTRODUÇÃO AO HORIZONTE ROUBAKINIANO

[...] nous croyons pouvoir dire que la biblio-psychologie poursuit des buts et cherche à résoudre des problèmes qui n'ont jamais encore été posés. [nós acreditamos poder dizer que a bibliopsicologia busca metas e procura resolver problemas que nunca foram antes colocados] (ROUBAKINE, 1998, P. 141)

Em junho de 2014, em entrevista com Robert Estivals, uma obra em dois volumes permaneceu na mesa do epistemólogo e teórico francês da Ciência da Informação durante cerca de duas horas. Ao final do diálogo, Estivals começou a separar o material que nos interessava desde o início do diálogo – a revista *Schéma et Schématisation*, posteriormente *Revue de Bibliologie*. Após discutirmos um pouco sobre a revista, Estivals tomou na mão os dois volumes e me passou. Tratava-se de Nicolas Roubakine, um dos mais importantes nomes das “ciências da informação e da comunicação” segundo Estivals e, do ponto de vista epistemológico, em seu olhar, fundador metodológico do campo.

Apesar de sua relevância para a condição social dos estudos informacionais e seu impacto no pensamento de Paul Otlet e da construção da Bibliologia pós-peignotiana (PEIGNOT, 1802a,b), a obra de Nicolas Roubakine (grafado no modelo de transliteração lusófona como Rubakin, mas aqui citado conforme a fonte francesa consultada, matriz da publicação central e original discutida nesta pesquisa) encontra-se pouco investigada na Ciência da Informação. Roubakine constituiu um vasto campo de estudos, a partir do ponto de vista epistemológico (ou seja, abordando a cientificidade da Bibliopsicologia ou Psicologia Bibliológica), de reflexão sobre o fenômeno do livro nos leitores. Sua obra central, *Introduction a la Psychologie Bibliologique*, publicada originalmente em língua francesa, no ano de 1922, em Paris (dado que o teórico fora expulso da Rússia pelo Czar anos antes), e posteriormente entre 1923 e 1924 na Rússia, foi dedicada “aos amigos” Paul Otlet e Adolphe Ferrière.

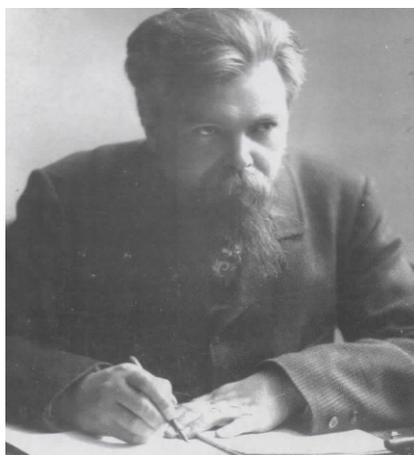


Imagem: Nicolas Roubakine.

Fonte: SCHÉMA ET SCHÉMATISATION: revue du schématisme, capa, 2007.

Como apontara Elena Savova (1998), graças à experiência científica de Roubakine, o desenvolvimento de suas ideias em torno de um método complexo permitiu-o definir a fórmula como o livro e a escrita representam fenômenos singulares da criação humana e das relações sociais. Desde 1886, Roubakine já incomodara o império russo, dada sua preocupação em educar as massas populares a partir do acesso ao conhecimento, integrando subjetividade, intersubjetividade e construção social da realidade.

Esta pesquisa, fundamentada via uma epistemologia histórica, orientada para artefatos, sujeitos, conceitos e instituições que constituem a Ciência da Informação, procura compreender os modos de invenção do campo a partir do percurso metodológico de Nicolas Roubakine. No plano empírico, para esta etapa dos resultados, interessa-nos especificamente compreender a problemática metodológica do pensamento de Nicolas Roubakine como estrutura que funda seu esquema metodológico.

Para tal, dedicamo-nos estritamente ao discurso sobre o método bibliopsicológico do teórico, presente no capítulo terceiro de sua obra clássica. O capítulo se intitula *Les méthodes de la biblio-psychologie. – L'application des méthodes scientifiques générales à l'étude des phénomènes biblio-psychologiques* [Os métodos da bibliopsicologia – A Aplicação dos métodos científicos gerais ao estudo dos fenômenos bibliopsicológicos]. Aqui encontramos a exposição das ideias sobre o modo de funcionamento da ciência reconhecida e descrita por Roubakine (1998)

No plano discursivo, selecionamos as seguintes categorias reflexivas para o debate, a saber: epistemologia, positivismo, psicologia, metodologia, bibliografia, documentação, neodocumentação, Ciência da Informação, fundamentação social da Ciência da Informação. Através destas categorias de fundo discursivo procuramos compreender os desdobramentos do projeto metodológico de Roubakine (1998) a caminho da construção de uma disciplina científica.

A justificativa para a pesquisa se concentra no papel do desenvolvimento de estruturas epistemológico-históricas no campo, evidenciadas, neste presente contexto, por Robert Estivals (2009), a saber: na posição do teórico francês, podemos reconhecer uma influência enorme no rigor metodológico de Nicolas Roubakine sobre Paul Otlet – nas palavras estivalsianas e de Marie-France Blanquet (2007), tratar-se-ia do principal farol do desenvolvimento das ciências da informação e da comunicação. O mesmo é afirmado por Bobutaka (2009): Roubakine é o precursor da Bibliologia como ciência da escrita e da comunicação escrita. Em outros termos, a invenção da própria cientificidade do que hoje tratamos por Ciência da Informação teria, no método roubakiniano, sua principal formulação inaugural. O percurso dessa relação se torna, no plano epistemológico delimitado pelo

desenho metodológico da disciplina científica em questão, o foco de nossa demanda de reflexão.

2 LABIRINTOS DA DOXOGRAFIA ROUBAKINIANA

La bibliographie travaille dans le silence des bibliothèques. La biblio-psychologie travaille au milieu d'une vie active, dans son centre. [A bibliografia trabalha no silêncio das bibliotecas. A bibliopsicologia trabalha no meio de uma vida ativa, em seu centro] (ROUBAKINE, 1998, p. 121)

Segundo a posição estivalsiana, Paul Otlet teria herdado a configuração metodológica de seu projeto bibliológico, posteriormente conhecido pela via de sua teoria (a Documentação), através do método de Nicolas Roubakine. Esse ponto de vista pode ser visto a partir de muitas outras abordagens epistemológico-históricas do campo.

De um lado, em Robert Estivals (2009), nós podemos reconhecer a influência que Roubakine exerce sobre Otlet, principalmente no plano metodológico. O mesmo pode ser dito no discurso do próprio Otlet (1919, 1934). Por outro lado, nós encontramos na própria obra de Roubakine (1998) o reconhecimento da influência otletiana. O teórico russo afirma, diretamente, o papel do Instituto Internacional de Bibliografia a partir de 1895, desenvolvido a partir das ideias de Paul Otlet, em seu pensamento.

Roubakine (1998) consultara dois trabalhos fundadores do pensamento de Otlet no início do século XX, a saber, *L'avenir du livre et de la bibliographie*, publicado no *Bulletin de l'Institut International de Bruxelles*, em 1911; e *L'organisation des travaux scientifiques*, apresentado como conferência em Paris no dia 25 de fevereiro de 1919. Segundo Roubakine (1998), não apenas a macro-ciência bibliológica já encontrara ali seu solo firme, como a Bibliopsicologia já poderia ser também ali identificada.

En étudiant les travaux d'Otlet, de 1911 à 1920, il faut reconnaître que cet explorateur patient et délicat des richesses livresques accumulées par l'humanité cherche depuis longtemps à élever la bibliographie au niveau de la bibliologie. [Estudando os trabalhos de Otlet, de 1911 à 1920, faz-se necessário reconhecer que este paciente e delicado explorador das riquezas livrescas acumuladas pela humanidade busca desde muito tempo elevar a bibliografia ao nível da bibliologia] (ROUBAKINE, 1998, Pp. 123)

Roubakine (1998) reconhece, pois, categoricamente, Paul Otlet como um precursor da Bibliopsicologia, mesmo não tendo o advogado belga formulado o princípio fundamental desta ciência. Otlet ali, antes dos anos 1920, já havia, pois, reconhecido a bibliologia científica, a bibliologia psicológica, a bibliologia sociológica e a bibliologia pedagógica, ou seja, já reconhecera a Bibliopsicologia na estrutura da construção da ciência geral bibliológica, ou das ciências bibliológicas, terminologia usada amplamente no *Traité de Documentation*.

Entretanto, é sob outra influência que Roubakine (1998) demarca a especificidade da *episteme* bibliológica. Segundo o teórico russo, foi Adolphe Ferrière, sociólogo suíço da Universidade de Genebra, autor de “A lei e o progresso”, o responsável por delimitar e separar os métodos da Bibliografia, da Bibliologia e da Bibliopsicologia. Interessando por longos anos ao estudo da leitura, Ferrière, segundo Roubakine (1998), desenvolveu uma obra que pode ser considerada fundadora da Bibliopsicologia. Estaria aqui, pois, a demarcação do horizonte metodológico bibliopsicológico como aquele interessado na ação dos livros sobre o leitor.

Retomemos, todavia, a questão otletiana em sua relação com Roubakine, viajando ao contexto dos anos 1910, especificamente o final da década. Na reconhecida conferência de 1919, intitulada *L’organisation des travaux scientifiques* (A organização dos trabalhos científicos), Paul Otlet mencionará diretamente a relevância do trabalho teórico-metodológico de Nicolas Roubakine. Ali, Otlet (1919) coloca como um dos quatro grandes eixos da Bibliologia – dedicada à preservação, à organização e ao acesso ao conhecimento, centralmente o conhecimento científico – a Bibliopsicologia roubakiniana. Reconhecendo os “trabalhos marcantes” de Roubakine, Otlet (1919) afirma que estamos diante, quando tratamos da demarcação epistêmica bibliopsicológica, dos processos de criação, circulação, uso e influência do livro e da imprensa, reunindo-se aqui o grupo de pesquisas sobre as relações entre o autor e os leitores, as correspondências mentais entre aquele que escreve e aquele que lê, as condições ideais de leitura individual e o papel propriamente dito do texto e da imagem.

Faz-se, pois, importante lembrar junto de Savova (1998), que os estudos de Roubakine sobre os fenômenos da leitura são anteriores à década de 1910 e mesmo ao início dos trabalhos formais de Paul Otlet no Instituto Internacional de Bibliografia. Desde 1887, o teórico russo já realizava investigações em torno da Psicologia Bibliológica. No ano de criação do Instituto, 1895, Nicolas Roubakine publicava o livro *Études pour le public russe de lecteurs* (antes, já lançara *Le programme sur l’étude de la littérature*, de 1886). Além disso, o trabalho de Roubakine já era citado em uma enciclopédia de 1899 publicada em São Petersburgo e, em 1907, o teórico russo era nomeado membro honorário da Sociedade Bibliológica Russa da Universidade de Moscou, sendo incluídos, dentre seus ilustres leitores no período anterior a Revolução de Outubro de 1917, M. Gorky e V. I. Lenin. (SAVOVA, 1998)

Deste modo, podemos observar que a obra (e aqui incluímos não apenas o resultado, mas a atividade metodológico-empírica de seu trabalho) de Nicolas Roubakine já se encontrava consideravelmente sólida muito antes da consolidação do trabalho clássico de Paul Otlet em 1934, o *Traité de Documentation*. E tal fato é relatado por Otlet (1934) em seu próprio livro, ou seja, o epistemólogo reconhece que ao longo de 30 anos Roubakine já

desenvolvia suas pesquisas bibliopsicológicas. Otlet (1934) lembra ainda a criação, dentro do Instituto Internacional de Bibliografia, em 1916, da Seção de Psicologia Bibliológica, transformada em 1928 em Instituto Internacional de Psicologia Bibliológica.

Especificamente dentro do clássico trabalho de Otlet (1934), a partir do §155 (*La psychologie et les activités de l'esprit ou Psychologie Bibliologique* [A psicologia e as atividades do espírito ou Psicologia Bibliológica]), o advogado belga é direto em sua afirmação: um novo capítulo se abre na Bibliologia, segundo o discurso otletiano, e este é representado pela Psicologia Bibliológica fundada por Nicolas Roubakine. Assim é definida no *Traité* a nova disciplina científica:

L'étude des rapports mentaux entre auteurs et lecteurs à l'intermédiaire du livre, étude du livre considéré comme une cristallisation des idées, des sentiments des volontés de qui le produit, une cristallisation qui a son tour va influencer cette autre cristallisation, plus souple et susceptible de modification qu'est l'utilisateur du livre. [O estudo das relações mentais entre autores e livros via a intermediação dos livros, um estudo do livro considerado como uma cristalização das ideias, os sentimentos provocados pelo livro, uma cristalização que a seu modo vai influenciar essa outra cristalização, mais flexível e suscetível de transformação no usuário do livro] (OTLET, 1934, p. 23)

Em termos de definição, Otlet (1934) aponta que o objeto de estudo da Bibliopsicologia é o conjunto de fenômenos psíquicos ligados à criação do livro, a sua circulação e a sua influência, sendo o termo “livro” aplicado aos mais diferentes tipos de discurso e suportes. Um conceito central destacado por Otlet (1934) no delineamento do escopo metodológico bibliopsicológico será “percepção”, ou seja, a percepção dos fenômenos relativos ao livro, à palavra, aos discursos, bem como a sua influência sobre o leitor.

Para Blanquet (2007), a prioridade epistemológica de Roubakine é permanente em sua trajetória como pesquisador. A autora francesa demonstra que suas ideias antecipam a construção do campo, apontando, por exemplo, como as cinco leis de Ranganathan (2009) já estavam dadas na preocupação entre leitor e mundo dada pela Bibliopsicologia. Blanquet (2007) compreende a posição epistemológica roubakiniana como fundadora do campo informacional no território francês a partir de uma ciência complexa, estruturada inicialmente em três outras disciplinas, a Linguística, a História e a Teoria da Literatura.

No mesmo âmbito, outra fonte histórica para o desenvolvimento epistemológico do campo é reavaliada, ou seja, a relação entre os avanços da Epistemologia Social de Jesse Shera e a (anterior) Bibliopsicologia. Como apontara Jonathan Furner (2002) no dossiê que refletiu o papel histórico de Jesse Shera no desenvolvimento de um quadro epistemológico-social para a fundamentação da Ciência da Informação, é preciso observar que a argumentação teórico-metodológica bibliopsicológica roubakiniana já colocara muitos dos

elementos centrais da teoria sheriana décadas atrás, principalmente a relação entre bibliotecas, leitores e contexto social de formação do conhecimento. De fato, ao observarmos a construção das ideias de Shera (1977, 1973, 1970), podemos reconhecer a presença indireta de pressupostos da teoria de Roubakine ali desdobrados.

A Bibliopsicologia passa, pois, do fenômeno do estudo preliminar do leitor e do processo de leitura ao estudo do autor e de seu trabalho criador, reconhecendo contextos específicos de recepção, como meio social e história. Assim, sob um claro ponto de vista sociológico (sociopsicológico), o efeito produzido por um mesmo livro em um mesmo leitor depende não somente de sua individualidade, mas também de todas as condições de seu contexto, dimensões estas que se alteram continuamente no mundo social. O percurso analítico-discursivo bibliopsiológico perpassa, assim, segundo Blanquet (2007), o escopo do poder do livro para os grupos sociais, para o desenvolvimento da humanidade e para a aquisição do espírito crítico. Com Paul Otlet tais dimensões também são vislumbradas.

C'est pour cela que la bibliopsychologie a formulé sa thèse fondamentale de la manière suivante : "Le livre n'existe qu'en fonction du lecteur". C'est-à-dire : tout ce qui n'a pas été perçu par le lecteur, n'existe pas pour lui. [...] Le contenu du livre, en dehors du lecteur, n'existe pas, parce que pour chaque lecteur pris séparément il se trouve dans la projection des excitations produites par le livre sur l'âme du lecteur. Il s'en suit que pour étudier un livre, il est indispensable d'étudier ses lecteurs et leurs qualités physiologiques, psychologiques, anthropologiques, ethniques, sociales. [É por isso que a bibliopsicologia formulou sua tese fundamental da seguinte maneira: "O livro existe senão em função do leitor". Ou seja: tudo o que não foi percebido pelo leitor, não existe para ele. [...] O conteúdo do livro, à parte do leitor, não existe, pois para cada leitor tomado isoladamente está na projeção das excitações produzidas pelo livro sobre a alma do leitor. Segue-se que, para estudar um livro, é essencial estudar seus leitores e suas qualidades fisiológicas, psicológicas, antropológicas, étnicas e sociais.] (OTLET, 1934, p. 33)

Como lembra Otlet (1934), a Psicologia Bibliológica ou Bibliopsicologia atingira já ali, nos anos 1930, um alto nível teórico-empírico, ultrapassando o estudo do livro, caminhando na direção da identificação de leis da conversação. Esse percurso já teria conduzido os estudos roubakinianos a uma reflexão complexa sobre as emoções humanas, permitindo-nos tratar a a Bibliopsicologia como ciência do comportamento verbal e o estudo da dependência funcional o perceptor (*le percipient*), o agente (*l'agent*) e o meio (*le milieu*) espaço-temporal.

3 DENTRO DA FLORESTA EXCITADA DE LEITORES: o método roubakiniano em campo

Mais que signifie l'expression 'transformer les fiches bibliographiques en phénomènes biblio-psychologiques' ? [Mas o que significa a expressão 'transformar as fichas bibliográficas em fenômenos bibliopsicológicos?'] (ROUBAKINE, 1998, p. 122)

A primeira preocupação roubakiniana está em isolar a epistemologia da Bibliopsicologia perante a Bibliografia e a Bibliologia. Em seus termos, a primeira se constitui como uma ciência independente, com seus próprios métodos e arcabouço teórico – movimento este próximo objetivamente daquele projetado por Gabriel Peignot (1802a,b) um século antes.

Para Roubakine (1998), as ciências indicadas (Bibliografia, Bibliologia e Bibliopsicologia) se ocupam do estudo do livro, porém cada uma com seus objetos próprios, seus objetivos particulares e seus próprios meios. A bibliografia se dedica, na visão do teórico, à descrição dos livros, independentemente da maneira como são lidos e da ação que suas páginas provocam nos leitores. A Bibliologia, por sua vez, representa a totalidade das ciências que se dedicam à pesquisa do livro em todos os seus fenômenos, ou seja, a ciência bibliológica designa todas as *epistemes* que tratam do livro, englobando, pois, a Bibliografia e a Bibliopsicologia.

A Bibliopsicologia, por seu turno, estuda os fenômenos psíquicos ligados à existência do livro, a começar pela gênese de sua criação no autor e terminando pela ação sobre o leitor. Nos termos do teórico, “L’étude du livre ne peut être séparée de celle de la psychologie du livre, comme l’étude de l’anatomie du corps humain ne peut être séparée de celle de sa physiologie” [O estudo do livro não pode ser separado daquele da psicologia do livro, pois o estudo da anatomia do corpo humano não pode ser separado daquele da sua fisiologia.]. (ROUBAKINE, 1998, p. 121)

Em termos de aproximação epistemológica entre Bibliopsicologia e Bibliografia, Roubakine (1998) demarca que, enquanto um livro pode ser conhecido a partir dele próprio, no caso da Bibliopsicologia um livro não é nada mais do que o seu reflexo na alma dos leitores. Assim, o conteúdo de um livro é variável, mas tal multiplicidade está dada segundo a posição do leitor (contextos, condições culturais, econômicas, sociais). Por esta razão, os métodos bibliográficos orientam-se, na visão roubakiniana, estruturalmente para a descrição do processo verbal presente no próprio livro, enquanto que na Bibliopsicologia o quadro metodológico constitui-se do modelo de todas as ciências exatas, perpassando as ciências naturais até a psicologia teórica comparada e experimental.

Reconhecendo toda a enorme tradição bibliográfica na Modernidade e seus construtos, Roubakine (1998) aponta que é necessário compreender que os resultados das descrições bibliográficas são úteis e fundamentais, mas não resolvem as questões bibliopsicológicas. Por exemplo, como transformar fichas bibliográficas em fenômenos bibliopsicológicos, indaga-se o olhar roubakiniano. Para o teórico, as fichas não apresentam nenhuma indicação das particularidades psíquicas sobre os meios de ação dos livros. Este é justamente um dos horizontes da Bibliopsicologia: encontrar meios para transformar o

colossal material bibliográfico em fontes para a compreensão das dinâmicas de impacto do livro na sociedade.

O escopo das lentes metodológicas da Bibliopsicologia é amplo: toda a palavra suscetível de agir sobre os homens, como o discurso e a escrita, a obra de arte e o manual escolar, uma simples conversação, a arte de falar, a arte dramática, a música, a pintura, a escultura, atravessando a procura por analisar tanto a compreensão como o gozo provocados no leitor.

Roubakine (1998) reconhece e descreve inúmeras influências de seu(s) método(s), ou seja, de sua tentativa de fundamentar metodologicamente a epistemologia bibliopsicológica. Trata-se de uma reunião de indícios conceituais que permitem reconstituir um percurso complexo de integração teórico-metodológica que nos leva às evidências epistemológicas da Bibliopsicologia. Reproduzindo a construção das leis que sustentam o método roubakiniano, Otlet (1934, p. 34) identifica as principais fontes:

- a) Loi de W. Humboldt-Potebnia : “Le mot est un excitateur et non pas un transmetteur de la pensée.” [A palavra é um excitador e não um transmissor do pensamento]
- b) Loi de E. Hennequin : “Un livre produit un effet maximum sur le lecteur dont l’organisation psychique est le plus analogue à celle de l’auteur.” [Um livro produz efeito máximo sobre o leitor cuja a organização psíquica é a mais análoga – semelhante, aproximada - à daquela do autor]
- c) Loi de H. Taine : “La race, le milieu et le moment de l’histoire déterminent la mentalité des lecteurs.” [A raça – a civilização -, o meio e o momento da história determinam a mentalidade dos leitores]
- d) Loi de R. Semon : “La compréhension du livre est une fonction de la mentalité du lecteur, c’est-à-dire de la totalité des engrammes formés en lui par la mnème” [A compreensão do livro é uma função da mentalidade do leitor, isto é, da totalidade de *engrammes* formados nele pela *mnème*]
- e) Loi de Ernest Mach : “L’économie du temps et des forces du lecteur s’accroît à mesure que le type du livre se rapproche de celui du lecteur”. [A economia do tempo e de forças do leitor aumentam à medida que o tipo de livro se aproxima do leitor] (OTLET, 1934, p. 34)

Dentre diferentes outras influências teóricas para o método bibliopsicológico, Roubakine (1998) identifica o papel central de Wundt, fisiologista e psicólogo enciclopedista alemão. Wundt apresentara um quadro sobre as “excitações psico-físicas”, dentro das quais a palavra humana faz parte. É aqui que Roubakine (1998) chama-nos a atenção: o trabalho de Wundt nos leva à preocupação da linguagem na formação da percepção do leitor (ou seja, o livro e a palavra provocam toda uma série de fenômenos psíquicos bastante complexos, como fenômenos religiosos, morais, éticos, sociais). O percurso do pensamento de Wundt nos encaminha, pois, aos meandros de uma estética experimental e da psicologia da criação literária.

Dadas influências diretas, Roubakine (1998, p. 146) procura demarcar a definição epistemológica da Bibliopsicologia dentro da cientificidade de seu tempo. Para o teórico russo, o método científico busca uma crítica de si mesmo e uma crítica do pesquisador. Trata-se, a Bibliopsicologia, em seu *devoir* científico, de uma prática indutiva – ou seja, para sua caracterização científica, sua condição estrutural é a indução (sem negar as contribuições da dedução, porém tomando-o como não prioritário), dado que o método indutivo está apoiado centralmente nos fatos. Desta maneira, a observação e a experiência devem ser consideradas os métodos fundamentais da Bibliopsicologia. A partir destes métodos, todo o fenômeno bibliopsicológico pode ser estudado como subjetivo e, em seguida, como objetivo.

Um conceito central para o desenvolvimento da metodologia bibliopsicológica é o conceito de *mnéme*. A capacidade do livro influir no leitor está ligada à sua individualidade, representada pela *mnéme*. Segundo Roubakine (1998), foi o professor R. Semon o responsável pela introdução do termo. Trata-se de uma noção que representa a memória orgânica hereditária da espécie e a memória individual, capaz de adquirir e de conservar *engrammes*, ou seja, as mudanças na matéria orgânica. A *mnéme* é, pois, a totalidade de *engrammes*. Ela não é composta apenas por conhecimentos e ideias, mas também emoções, sentimentos, desejos, reservas de consciência e de subconsciência. O livro representa, pois, um conjunto de percepções constituídas inicialmente pelo *mnéme*.

No plano da observação, dois fenômenos são destacados por Roubakine (1998, p. 146): os fenômenos bibliopsicológicos em si (introspecção) e a observação sobre os outros (extrapecção). Para estudar os modos como a subjetividade introspectiva se constitui é necessário investiga-la através da extrapecção, ou a maneira como ela se manifesta. Logo, os fenômenos não são separáveis e, por isso, são investigados de modo complementar. Dada essa condição, pode-se afirmar ainda, conforme Roubakine (1998), que os fenômenos manifestados pelos leitores respondem, pois, por construtos presentes em indivíduos e grupos sociais. Logo, toda a Bibliopsicologia é, por fundamento, uma Bibliopsicologia comparada.

A procura bibliopsicológica está em compreender uma dada “linguagem interior” manifestada socialmente no leitor. A palavra ganha dimensão central aqui. Roubakine (1998) considera que não apenas de palavras se utiliza o homem para pensar. No entanto, os fenômenos mais concretos adquirem sentido a partir do uso interno das palavras. Estas, por sua vez, podem ser escritas, compreendidas e pronunciadas. Logo, permitem à pesquisa científica os métodos de observação e de experiência.

Nesse sentido, os fenômenos extremamente complexos designados, segundo Roubakine (1998), como “memória” (que exercem uma influência decisiva nos processos e

nos resultados da leitura) podem ser investigados. A objetividade experimental pode compreender fenômenos da memória a partir da prática da leitura. Em termos aplicados, o modo como dada leitura repercute no leitor pode indicar um conjunto de dados objetivos sobre a construção introspectiva do sujeito, conforme a longa citação a seguir pode descrever:

Un lecteur peut se rendre compte du type de sa mémoire : 1^o au cours du processus de la lecture, et 2^o en examinant les projections c'est-à-dire les souvenirs des livres qu'il a lus jadis. Dans le premier cas il suffit qu'il prenne un certain nombre de livres ou d'articles écrits de la façon la plus simple et la plus compréhensible, présentant le même intérêt ou la même absence d'intérêt et de dimensions à peu près pareilles, mais exigeant l'un la mémoire des chiffres, l'autre, celle des images, le troisième, celle des raisonnements, etc. Après avoir lu comparativement une série de livres ainsi choisis, un lecteur se fait inévitablement une idée générale assez nette de sa faculté de retenir, de la durée de conservation et de la rapidité de reproduction des excitations biblio-psychologiques déterminées en lui par ces livres et articles de types différents. [Um leitor pode ter em conta o tipo de sua memória: (1) durante o processo de leitura, e (2) examinando as projeções, isto é, as memórias dos livros que ele leu uma vez. No primeiro caso, é suficiente que ele pegue um certo número de livros ou artigos escritos da maneira mais simples e compreensível, apresentando o mesmo interesse ou a mesma falta de interesse e de dimensões praticamente similares, mas exigindo a memória das figuras; o outro, as imagens; o terceiro, o raciocínio e assim por diante. Tendo lido comparativamente uma série de livros assim escolhidos, o leitor inevitavelmente fará uma ideia geral bastante clara de sua faculdade de retenção, a duração da conservação e a rapidez da reprodução das excitações bibliopsicológicas determinadas nele por esses livros e artigos de diferentes tipos.] (ROUBAKINE, 1998, p. 157)

Para Roubakine (1998), esse caminho nos leva à compreensão das condições sob as quais o leitor pode perceber nitidamente o modo como o processo de leitura age sobre seu espírito, tanto no espectro qualitativo quanto no quantitativo. Do mesmo modo, tais condições representam o sustentáculo empírico que prova como a bibliopsicologia pode observar e investigar os fenômenos que relacionam autor, leitor e livro. O percurso nos conduz também à identificação de uma tipologia de leitores, os leitores de imagens visuais, auditivas e motrizes. Segundo os estudos roubakinianos, os primeiros retêm facilmente a compreensão do livro a partir de imagens visuais, desde que o livro assim o permita (uma obra com escassez destas imagens, impede a compreensão dinâmica da obra). Os leitores do tipo auditivo dão preferência ao discurso sonoro produzido pelas palavras e pelas frases. Já os leitores de tipo motor atentam-se ao movimento orgânico (sintático) da fala.

Como observado na longa citação acima, outra distinção importante para o enquadramento metodológico da Bibliopsicologia está na distinção da memória: de um lado, Roubakine (1998) aponta para a memória lógica, de outro, para a memória dos fatos. Indaga o

teórico russo: “Que retenez vous plus facilement : les faits que contient le livre lu, ou la marche des raisonnements ?” [O que retemos mais facilmente: os fatos contidos na leitura ou o percurso dos raciocínios?] (ROUBAKINE, 1998, p. 159). Existem leitores dedicados centralmente ao acúmulo de fatos (como aqueles reproduzidos por diários e semanários). Assim, existem leitores capazes de reter todos os tipos de classificações, permitindo-os, pois, com facilidade, sistematizar o material acumulado em sua *mnème*. Estes leitores guardam principalmente “categorias” (visuais, auditivas, verbais). Estes são os leitores com uma memória lógica.

As categorias analíticas-discursivas desenvolvidas pelo vocabulário de Roubakine (1998) nos levam à compreensão da complexidade de sua obra e de suas experiências de pesquisa. Para o horizonte desta reflexão, essa produção de ideias e sua aplicação nos conduzem a uma crítica da epistemologia histórica do campo e ao papel da historicidade roubakiniana no contexto de formação da Ciência da Informação.

4 UMA INVENÇÃO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: discutindo Roubakine

A number of educators, such as the Petersburg bibliographer Nicholas Rubakin, also developed natural scientific curricula for non-traditional students to follow on their own time, after work let out in Russian factories in the capital. [Um número de educadores, como o bibliógrafo Nicholas Rubakin, de Petersburgo, também desenvolveu currículos científicos naturais para estudantes não tradicionais seguirem seu próprio tempo, depois do trabalho deixado nas fábricas russas na capital.] (ANDREWS, 2013, p. 513)

A compreensão de Nicolas Roubakine (1998) em seu espaço-tempo epistemológico é fundamental. Sua pesquisa é praticamente contemporânea à de Paul Otlet (1934, 1919), porém sua produção teórica e aplicada se dá em um contexto anterior. A posição epistemológica da Bibliografia e da Bibliologia em Nicolas Roubakine nos parece semelhante àquela adotada posteriormente por Otlet (1934) e também por Robert Estivals (2009), ao mesmo tempo em que se assemelha também àquela praticada mais de um século antes por Gabriel Peignot (1802a,b).

Quando encaramos as dimensões investigadas no plano metodológico em Nicolas Roubakine a partir das macro-categorias discursivas identificadas (aqui observadas, ressalva-se, como indícios ou elementos programáticos) no percurso metodológico da pesquisa, podemos reconhecer as seguintes dinâmicas:

- Epistemologia: no âmbito epistemológico, a construção da ciência bibliopsicologia, mesmo vinculada à macrocientificidade da Bibliologia, é um projeto fundado no rigor de uma metodologia que estrutura as possibilidades de emancipação da nova *episteme* – movimento reconhecido claramente por Otlet (1934), ou seja, desde o olhar otletiano já existia, mesmo antes dos anos

1930, a indicação de que a cientificidade do campo, pela via da corrente maior de seu espaço-tempo, o positivismo, já se encontrava definida;

- Positivismo: como aponta o teórico russo, “La théorie et l’histoire de la littérature sont des sciences humaines, tandis que la biblio-psychologie est une science naturelle.” [A teoria e a história da literatura são parte das Humanidades, enquanto que a bibliopsicologia é uma ciência natural] (ROUBAKINE, 1998, p. 129), estamos diante de uma ciência estabelecida sob a luz do positivismo. A influência da corrente de pensamento estabelecida é clara na estrutura metodológica roubakiniana, repercutindo a própria consolidação das ciências sociais entre o fim do século XIX e o início do século XX. Os intuitos que regem o princípio e as consequências de seu positivismo sugerem, no entanto, o uso do método não para uma visão do processo de modo neutro e desvinculado de uma realidade social opressora. Ao contrário, a contextualidade, a possibilidade de transformação social e a consciência dos fins socioculturais da ciência estão atrelados na estrutura do método de Roubakin;
- Metodologia: no plano da fundamentação epistemológica, ou seja, da procura pela constituição de uma dada ciência, re-afirmamos que o rigor da produção metodológica roubakiniana, a partir da epistemologia positivista, como uma estrutura à procura de leis que regem as relações entre o leitor e o mundo, mediados pelo livro. Tais leis, no entanto, são resultado de esforços indutivos construídos a partir de categorias teórico-sociais altamente complexas, que permitem compreender a posição socio-histórica do sujeito-leitor no mundo do conhecimento. Seguindo o destino das lutas pela demarcação epistemológica na Modernidade, a descoberta de método(s) capazes de prova a cientificidade e fazer avançar a ciência como forma de transformação e de desenvolvimento da sociedade;
- Psicologia: tal método bibliopsicológico pressupõe, pois, o futuro campo informacional em uma fronteira entre os saberes bibliológicos – relativos ao mundo da linguagem, considerado de modo amplo por Roubakine (1998), ou seja, as mais diferentes formas do discurso – e a ciência psicológica. Essa relação, antecipadora de diferentes avanços teóricos da Ciência da Informação, principalmente no escopo das abordagens cognitivas, postula tanto a compreensão da capacidade perceptiva do mundo do sujeito reconhecido em sua singularidade, como, no âmbito de uma dada Psicologia Social, a apropriação das formas de elaboração socio-construtivistas das

percepções e seus impactos na realidade mediada pela linguagem. Esse exercício conceitual e metodológico coloca Roubakine (1998) não apenas em uma vanguarda dos estudos informacionais no plano científico-acadêmico, mas também perante diferentes linhas de fundamentação das ciências humanas e sociais, entre Educação, Filosofia, Linguística e Sociologia;

- Bibliografia: retomando o foco da epistemologia da Ciência da Informação propriamente dita, como observado, o modo de exploração da Bibliografia em Roubakine parece-nos próximo às posições de Otlet (1934) e Estivals (2009), ou seja, o foco está no reconhecimento epistemológico, mas centralmente em um olhar teórico (menos epistemológico): a Bibliografia como uma formação teórico-empírica fundamental, mas que não ganha o nível epistemológico da Bibliologia, nem da disciplina científica Bibliopsicologia. Assim como Paul Otlet, a obra bibliográfica de Nicolas Roubakine é extensa e central na formação de seu pensamento, porém sua teorização resta discutida em outras esferas, como a estrutura metodológica bibliopsicológica. Faz-se fundamental observar, todavia, que tanto Ranganathan (2009) como (principalmente) Shera (1970), partem de um ponto de vista bibliográfico de fundamentação do campo, ou seja, o uso e as possibilidades de acesso ao livro, pressupostos clássicos da Bibliografia aqui estão, assim como ali, na exploração epistemológica de Roubakin (1998) e na própria grandiosidade do projeto co-vivenciado pelo teórico russo do Instituto Internacional de Bibliografia de Paul Otlet, resultando na perspectiva documentalista;
- Documentação: o desenvolvimento da metodologia daquilo que no território francês se consagrou como *documentation* se dá, perante as fontes epistemológico-históricas debatidas, como co-constituído ao lado do pensamento e da obra empírica de Roubakine. Desta maneira, seja pela via da Bibliografia propriamente dita e seus desdobramentos, tomando a Documentação como parte destes ou como uma unidade epistêmica autônoma, ainda que interdependente de tal processo histórico bibliográfico, a invenção da Ciência da Informação se confunde nitidamente com o exercício epistemológico bibliopsicológico. De Roubakine para o teórico belga, ou de Otlet para o teórico russo, percebemos um compartilhamento de experiências e de teorias que permitem compreender um co-desenvolvimento de ideias. Contudo, o legado de estruturas teórico-metodológicos para os futuros discursos de fundação da Ciência da Informação recai, quase que

prioritariamente, quando do alargamento de uma compreensão de construção do campo pré-Segunda Guerra Mundial, em Paul Otlet;

- Neodocumentação: tal alargamento acima identificado, foco em uma reflexão historiográfica de fundo diacrônica, que tem Rayward (1996) como um dos nomes centrais, não remonta, pois, o pensamento roubakiniano. Ao menos, em nomes centrais da construção do conjunto de abordagens reunidas sob o termo “neodocumentação”, que retoma a origem documentalista a partir dos trabalhos otletianos, não identificamos a relevância epistemológica do trabalho de Roubakine (1998). Ou seja, as fontes centrais para o debate neodocumentalista oriundas, por exemplo, de Frohmann (2009, 2004), Buckland (1997, 1991) e Day (2014, 2001), sugerem, até o momento, um desconhecimento da relevância dos diálogos entre Otlet e Roubakine, e principalmente da contribuição para a Documentação e para a Ciência da Informação do último;
- Ciência da Informação: a historicidade sincrônica comumente adotada na construção do campo afirma seus processos de demarcação inaugural relativos ao período entre o fim da Segunda Guerra Mundial e os anos 1960, como presente em Pinheiro (2002, 1997). Ao reencontrarmos, pela via da epistemologia histórica, os construtos roubakinianos, atingindo um dado “Paul Otlet” e uma dada “Documentação” não antevista pelos neodocumentalistas, podemos afirmar com os dados coletados e a análise da obra central de Nicolas Roubakine, a condição co-fundadora do campo informacional pela via do teórico russo, ratificando os avanços da doxografia identificada nesta pesquisa, que já atentara para a vastidão da Bibliopsicologia e, principalmente, reafirmando a co-construção metodológico-teórica do campo via os diálogos de Roubakine e Otlet;
- Fundamentação social da Ciência da Informação: para além da procura pela compreensão de outros modos epistemológico-históricos de perceber o desenvolvimento da Ciência da Informação desde o final do século XIX, encontramos em Roubakine uma sustentação social profunda da práxis do pesquisador e do profissional de tal campo epistêmico. Como já alertavam Silva e Saldanha (2016), a construção não só de uma ciência social dedicada aos futuros estudos tratados como informacionais, mas também uma ciência social crítica da realidade e dos modos de transformação da mesma está presente objetivamente na obra roubakiana – sua bibliopsicologia é uma procura pela re-humanização da sociedade pela via do conhecimento.

No escopo das teorias, abordagens, métodos e conceitos em construção na Ciência da Informação após os anos 1950, são inúmeras as abordagens que podem ter como vínculo a relação com a obra roubakiniana. Como aponta Blanquet (2007), por exemplo, os futuros estudos de *information literacy* (letramento informacional ou competência em informação) tem em Roubakine o solo seguro. Integra-se aqui no escopo epistemológico dos estudos informacionais desdobrado da perspectiva bibliopsicológica a integração de abordagens tecnológicas, cognitivas e sociais.

Podemos dimensionar ainda a construção da proposta metodológica da Bibliopsicologia em Nicolas Roubakine. As teorias e abordagens como estética da recepção (e suas variações, como o caso do estudo comparado de Bobutaka (2010) entre a Bibliologia psicológica de Roubakine e a teoria da recepção de Jauss), a fenomenologia aplicada à Ciência da Informação (SALDANHA, 2018) já apontara para as relações de uma intencionalidade política no pensamento roubakiniano), a mediação literária, a compreensão dos sujeitos no mundo informacional. Como aponta Savova (1998), os trabalhos científicos de Nicolas Roubakine se tornaram pioneiros nos estudos de comunicação de massa (ramo teórico que se desenvolveu de modo mais explícito entre Estados Unidos, Alemanha, Suécia, Polônia, Itália e Bulgária apenas entre os anos 1950 e 1970). Além disso, a luta pela socialização do conhecimento - através de práticas de divulgação científica e de formação de uma ciência popular, capaz de permitir a transformação social, manifestada em categorias críticas como ciência aberta e ciência cidadã na atualidade – encontra na Bibliopsicologia igualmente um de seus terrenos férteis de reflexão inicial. Como demonstra-nos Andrews (2013) em seu estudo sobre a esfera pública na Rússia Imperial, a prática de popularização da ciência tem em Roubakine um dos personagens centrais.

By the late nineteenth century, scientific societies, the Academy of Sciences, popular editors, and pedagogues became involved in a vast movement to popularize scientific knowledge throughout the Russian empire. Educational specialists were particularly interested in how to craft popular scientific texts, and how to envisage their audience and targeted readers. The movement was as much about the content of popular sciencetracts as it was the method of popularizing this material for a broad audience. A number of educators, such as the Petersburg bibliographer Nicholas Rubakin, also developed natural scientific curricula for non-traditional students to follow on their own time, after work let out in Russian factories in the capital. Rubakin and his followers, for instance, gave itinerant popular science lectures at factories in and around the Russian Imperial Capital, and also founded the Committee to Fight Against Illiteracy in 1891 and a mobile library of educational aids and pamphlets in all fields of the natural sciences especially. [No final do século XIX, as sociedades científicas, a Academia de Ciências, os editores populares e os pedagogos se envolveram em um vasto movimento para popularizar conhecimento em todo o império russo. Especialistas em educação foram particularmente

interessados em como elaborar textos científicos populares e como visualizar seu público e leitores direcionados. O movimento foi tanto sobre o conteúdo da ciência popular quanto como era o método de popularizar este material para um público amplo. Um número de educadores, como o bibliógrafo Nicholas Rubakin, de Petersburgo, também desenvolveu currículos científicos naturais para estudantes não tradicionais seguirem seu próprio tempo, depois do trabalho deixado nas fábricas russas na capital. Rubakin e seus seguidores, por exemplo, deram palestras sobre ciência popular itinerante em fábricas e em torno da capital imperial russa, e também fundou o Comitê de Combate ao Analfabetismo em 1891 e uma biblioteca móvel de apoio educacional e panfletos em todos os campos das ciências naturais, especialmente.] (ANDREWS, 2013, p. 513)

A síntese de Paul Otlet (1934) contribui para a demarcação dos desdobramentos da teoria bibliopsicológica roubakiniana, ou seja, a partir do método desenvolvido por Nicolas Roubakine, apresentado em sua forma definitiva em 1922, os resultados aplicados da Bibliopsicologia poderiam ser assim projetados:

- Produção de obras de popularização da ciência e manuais escolares;
- Desenvolvimento de publicações sintéticas com foco especializado;
- Transformação das bibliotecas em laboratórios de circulação das ideias e da opinião pública;
- Organização de atividades editoriais com objetivos claros, para que a produção de livros não se construa sem planejamento;
- Compreensão, dentro do regime social atual, quem são oprimidos, humilhados, ofendidos e explorados, quem se encontra sem acesso ao conhecimento e ao trabalho, com vistas à construção de melhores condições de uma vida nova.

Pode-se perceber, pela descrição otletiana acima, pois, a amplitude da complexa *episteme* projetada, aplicada e desenvolvida por Roubakine ao longo de sua trajetória, sumarizada em sua obra central aqui investigada. Trata-se de uma dada científicidade que vai do estudo do leitor à popularização da ciência, chegando ao coração da luta social pela emancipação dos oprimidos. Por fim, podemos afirmar, os anseios e o método roubakiniano dialogam, pois, sem a menor sombra de dúvida, com trabalhos revolucionários futuros das ciências humanas e sociais, incluindo a obra de Paulo Freire (1970, 1982), principalmente em “Pedagogia do oprimido” e “A importância do ato de ler”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: o caminho de um método de luta pela verdade e pela justiça

De nos temps, le livre n'est pas encore un instrument de la lutte pour la vérité et la justice. Mais nous pouvons, et nous devons le rendre tel. (ROUBAKINE, 1998, p. 23)

Um primeiro elemento a discutir é a condição epistemológica das problematizações de Nicolas Roubakine (1998). A independência da disciplina científica Bibliopsicologia (dentro do escopo da Bibliologia) é claramente delineada pelo teórico russo. Outro aspecto relevante é a demarcação positivista. Filha de seu tempo, a metodologia bibliopsicológica tende a incorporar os principais elementos do Positivismo. Sua procura epistemológica está relacionada, pois, objetivamente, à identificação, à aplicação e à avaliação de leis que regem, em seu caso, as relações entre autor, livro e leitor.

Reconhecemos ainda a capacidade de articulação entre elementos fundamentais para o desenvolvimento da Ciência da Informação, como as relações entre mente, conhecimento, práticas informacionais e sociedade. A partir do olhar sobre o leitor e a experiência da leitura, as inquietações epistêmicas de Roubakine (1998) compõem um conjunto de estudos, interagindo com métodos e teorias das ciências humanas e sociais, postulando a procura pela compreensão do sujeito em sua intersubjetividade, não o isolando da construção do social da realidade que concebe formas de dizer o mundo e, ao mesmo tempo, pode ser transformada diretamente pela práxis da leitura, pela experiência-mundo do leitor.

Por fim, é preciso compreender que a teoria do conhecimento que se constitui pela via do método indutivo bibliopsicológico trata-se de caminho revolucionário, uma *episteme* fundada em um projeto declaradamente político de transformação do mundo. As questões evocadas por Roubakine não representam apenas um olhar sobre a fundamentação epistemológica de uma dada disciplina, mas a preocupação com o desenvolvimento intelectual da própria sociedade moderna. O fim central está na procura pela mudança social. Essa ênfase é reconhecida tanto por Otlet (1934), como por Estivals (1993) e por Savova (1998). Nos termos de Roubakine (1998), o livro ali, nas duas primeiras décadas do século XX, ainda não poderia ser considerado um instrumento de luta pela verdade e pela justiça. Entretanto, os sujeitos em seu meio social podem e devem realiza-lo. Eis o método bibliopsicológico como arma epistêmica para tal transformação.

Agradecimentos

A pesquisa obteve o financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Agradecemos ainda o acesso à documentação em território francês obtida a partir de Viviane Couzinet, Patrick Fraysse, Danièle Estivals e Robert Estivals.

REFERÊNCIAS

ANDREWS, James T. An involving scientific public sphere: state science enlightenment, communicative discourse, and public culture from Imperial Russia to Khrushchev's Soviet Times. **Science in context**, v. 26, n. 3, p. 509-526, 2013.

BLANQUET, Marie-France. Nicolas Roubakine, le fondateur de la Bibliologie Scientifique. **Schéma et schématisation**: revue du schématisme, n. 66, p. 9-16, 2007.

BOBUTAKA, Bob. Bibliologie psychologique de Roubakine et la théorie de la réception de Jauss; Bibliothéconomie et Bibliothécologie. **Revue de Bibliologie**: schéma et schématisation, n. 72, p. 51-64, 2010.

BOBUTAKA, Bob. La lignée de la bibliologie abbé Rive-Gabriel Peignot, Nicolas Roubakine, Paul Otlet et Robert Estivals. **Revue de Bibliologie: schéma et schématisation**, n. 71, p. 43-50, 2009.

BUCKLAND, M. K. What is a document? **Journal of the American Society for Information Science**, v. 48, p. 804-809, 1997.

BUCKLAND, Michael K. Information as thing. **Journal of the American Society of Information Science**, v. 42, n. 5, p. 351-360, jun. 1991.

DAY, Ronald. **Indexing all**: the subject in the age of documentation, information, and data. Cambridge: MIT Press, 2014.

DAY, Roland. **The modern invention of information**: discourse, history, and power. Illinois: Southern Illinois University Press, 2001.

ESTIVALS, Robert. La schématique d'Otlet. **Revue de Bibliologie**: schéma et schématisation, n. 71, p. 25-32, 2009.

FROHMANN, Bernd. Documentation redux: prolegomenon to (another) philosophy of information. **Library Trends**, v. 52, n. 3, p. 387-407, win. 2004.

FROHMANN, Bernd. Revisiting "what is a document?" **Journal of documentation**, v. 65, n. 2, p. 291-303, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1982.

FURNER, Jonathan. Shera's Social Epistemology recast as Psychological Bibliology. **Social Epistemology**, v. 16, n. 1, p. 5-22, 2002.

OTLET, Paul. **Traité de documentatation**: le livre sur le livre: théorie et pratique. Bruxelles: Editions Mundaneum, 1934.

OTLET, Paul. **L'organisation des travaux scientifiques**. In: ASSOCIATION FRANÇAISE POUR L'AVANCEMENT DES SCIENCES. Conférences faites en 1919-1921. Paris: Association Française

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

pour L'Avancement des Sciences, 1919. p. 13-50. Conferência proferida em 23 de fevereiro de 1919.

PEIGNOT, Gabriel. **Dictionnaire raisonné de bibliologie**, tomo I. Paris: Chez Villier, 1802a.

PEIGNOT, Gabriel. **Dictionnaire raisonné de bibliologie**, tomo II. Paris: Chez Villier, 1802b.

PINHEIRO, Lena Vania R. **A Ciência da informação entre sombra e luz: domínio epistemológico e campo interdisciplinar**. 1997. 278 f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1997.

PINHEIRO, Lena Vania R. Gênese da Ciência da Informação ou sinais anunciadores da nova área. In: AQUINO, Mirian de Albuquerque (org.). **O campo da ciência da informação: gênese, conexões e especificidades**. João Pessoa: Ed. Universitária, 2002. p. 61-86.

RANGANATHAN, S.R. **As Cinco leis da Biblioteconomia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2009.

RAYWARD, W.B. The History and historiography of information science: some reflections. **Information and Management**, v. 32, n. 1, p. 3-17, 1996.

ROUBAKINE, Nicolas. **Introduction a la psychologie bibliologique**, v.1. Sofia: Association Internationale de Bibliologie, 1998.

SALDANHA, Gustavo S. Gramática de la intencionalidad en los estudios informacionales: estado maquínicos como objeto de la intención simbólica. In: Miguel Ángel Rendón Rojas. (Org.). **La intencionalidad en la Ciencia de la Información Documental**. Cidade do México: UNAM, 2018. p. 75-106.

SAVOVA, Elena. Avant-propos. In.: ROUBAKINE, Nicolas. **Introduction a la psychologie bibliologique**, v.1. Sofia: Association Internationale de Bibliologie, 1998. p. 7-17.

SHERA, Jesse H. Epistemologia social, semântica geral e biblioteconomia. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 9-12, 1977.

SHERA, Jesse Hauk. Toward a theory of librarianship and information science. **Ciência da Informação**, v. 2, n. 2, p. 87-97, 1973.

SHERA, Jesse. **Sociological foundations of librarianship**. London: Asia Publishing House, 1970.

SILVA, Leyde Klebia Rodrigues; SALDANHA, Gustavo S. **A caminho da compreensão do "social" da ciência da informação: questionando a resignificação de conceitos segundo os estudos sociais da informação**. In: Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (XVII ENANCIB), 2016, Salvador. Anais... Salvador: UFBA, 2016. v. 1. p. 1-20.